

Mal começou com ferida na cabeça

A viúva Raimunda Rosa da Silva Souza, 52 anos, é uma das doentes de "fogo selvagem", residente em Santo Antônio do Descoberto. Ela não sabe como contraiu a doença, mas vive numa casa simples, junto com cinco dos seus seis filhos menores. "O médico me disse que o mal não é contagioso, por isso não me aflijo em viver junto com os meninos", afirma.

Segundo Raimunda Rosa, uma piauiense que mora há nove anos na cidade, a doença apareceu como uma ferida em sua cabeça. "Daí alastrou-se por todo o corpo", conta. Há cinco anos, ela vem se tratando com medicamentos e inter-

nação hospitalar, com pouco resultado positivo. "Já estive até no hospital de Goiânia, mas a melhora foi relativa". Há quatro dias, Raimunda iniciou tratamento com remédio caseiro (salsaparreira) e que vem apresentando bons resultados.

Antes da doença alastrar-se por todo o corpo, Raimunda Rosa trabalhava numa empresa de asseio e conservação, em Brasília. Há um ano e seis meses entrou com o pedido de aposentadoria no INSS, mas até agora não obteve resultado.

Raimunda Rosa garante que não sofre qualquer tipo de discriminação por parte de seus vizinhos

e moradores da cidade devido às feridas que tem no corpo. "Eu é que ficava acanhada em aproximar-me das pessoas, mas com o tempo acostumei-me e hoje não tenho problemas", afirma.

De acordo com Raimunda, "primeiro nascem bolhas no corpo, que depois se transformam em feridas, que doem e coçam muito parecem com queimaduras", garante. A doente disse que a maior dificuldade que encontra para conviver com o "fogo selvagem" é na hora de dormir. "Passo a noite à procura de uma posição que não me incomode", disse. (J.V.)